

Rachel de Queiroz: mulher, escritora, personagem

Natália de Santanna Guerellus*

Resumo: Poucas escritoras tiveram tanta importância no cenário político e literário brasileiro do século XX quanto Rachel de Queiroz. A extensão e densidade de sua obra, aliadas à trajetória surpreendente de sua vida pública, tornam a carreira da autora cearense um ótimo ponto de partida para se pensar a inserção da mulher na esfera pública brasileira e a profissionalização desta enquanto escritora. Neste sentido, o presente trabalho procura analisar a recepção da obra de Rachel de Queiroz nos seus dez primeiros anos de carreira (1930-1939), articulando três aspectos utilizados pela crítica literária da época para incorporá-la ao cânone eminentemente masculino de então: Rachel de Queiroz como mulher de seu tempo; Rachel de Queiroz como mulher escritora; e Rachel de Queiroz como renovadora de uma linguagem literária que também recria a figura da mulher.

Palavras-chave: Gênero, Literatura, Rachel de Queiroz

Abstract: A few number of women writers in the twentieth century Brazil had so much political and literary importance as Rachel de Queiroz. The extension and thickness of her work, associated with her spectacular public influence, make her trajectory a great way to think women insertion on public sphere - especially as a writer. Accordingly, this paper aims to analyze the reception of the work of Rachel de Queiroz in her first ten-year career (1930-1939), by three points used for literary criticism at the time to incorporate it to the canon: Rachel de Queiroz as a woman; Rachel de Queiroz as a woman writer; and Rachel de Queiroz as a writer whose work has created a new portrait of woman.

Key-words: Gender, Literature, Rachel de Queiroz

No ano de 1977 a instituição mais representativa das letras no país - a Academia Brasileira de Letras - aceitou pela primeira vez uma mulher como membro de seu Panteão. O posto já tinha sido cobiçado por várias outras intelectuais desde o momento da fundação da ABL no século XIX, mas só foi possível mudar a estrutura de seu regimento na segunda metade do século seguinte. O nome escolhido foi Rachel de Queiroz, escritora brasileira com vários trabalhos publicados dentro e fora do país, mas pouco estudada nos dias de hoje, apesar de ter produzido intensamente até 2003, quando faleceu.

No entanto, Rachel de Queiroz não foi somente um nome famoso como tantos outros em nossa literatura. Analisando sua obra através da perspectiva de Gênero, percebemos que a autora também foi uma das poucas escritoras a ser bem recebida pela crítica literária de seu tempo e uma das primeiras a complexificar a personagem feminina através de seus romances

* Mestranda em História na Universidade Federal Fluminense e bolsista Cnpq.

e crônicas, contrapondo-se ao estereótipo criado pela obra de autores brasileiros desde o Romantismo do século XIX e perpetuado pelos companheiros de letras de Rachel de Queiroz no século seguinte.

Neste sentido, um dos livros que melhor revela as perspectivas de gênero nos primeiros escritos da literatura racheliana é o romance *As Três Marias*, de 1939. Por ser um livro que discute intencionalmente a feminilidade e as possibilidades, dúvidas, e sacrifícios vividos pela mulher da primeira metade do século XX, torna-se um ótimo meio para percebermos as dimensões que a crítica literária brasileira criou sobre o nome de Rachel de Queiroz nos primeiros anos de sua carreira literária. Analisar a autora cearense através do Gênero, portanto, nos possibilita um interessante olhar sobre a escrita de mulheres no Brasil, procurando ressaltar não só o enredo de seus textos, como também sua linguagem e contexto; é, portanto um exercício de interdisciplinaridade.

História, Literatura e Gênero

O debate sobre a natureza da narrativa histórica e literária permeou a historiografia desde o século XIX, quando a disciplina procurou consolidar-se cientificamente. Já a partir da década de 1970 a disciplina enfrentou importantes questionamentos acerca de suas bases teóricas com a polêmica levantada por pesquisadores como Hayden White e Dominick LaCapra. Estes partiram da sua experiência com a história intelectual, através da qual tornaram-se críticos dos próprios historiadores. Segundo Lloyd Kramer, para além da diferença de proposta entre os dois, ambos procuraram examinar e ampliar as definições tradicionais da historiografia, focalizando o papel decisivo da linguagem nas descrições e concepções da realidade histórica (KRAMER,1995:134). Mas, evitando reduzir o discurso histórico ao texto, Chartier afirma que devemos ser capazes de perceber as dinâmicas sociais que implicam a construção dos discursos históricos, reconhecendo como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos (CHARTIER,1994:97-113). Assim também podemos pensar quando temos a literatura como fonte para a análise do passado, percebendo as dinâmicas sociais que envolvem a construção do discurso literário, levando também em conta as abordagens da teoria literária quando procuramos realizar este exercício interdisciplinar.

Um ponto de partida importante para a presente pesquisa é pensarmos o gênero literário do romance e sua dinâmica histórica. Segundo Mikhail Bakhtin, o romance não era analisado com a devida atenção pela estilística formal do começo do século XX, que limitava-se a estudá-lo pelas categorias tradicionais da análise poética, sem reconhecer as

especificidades e diferenças em relação aos demais gêneros literários (BAKHTIN,1988:71-106). O romance, que aparece com força a partir do século XIX, é específico primeiramente pela sua aproximação da língua falada, da linguagem real. Disso decorre ser ele um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal. Para Bakhtin, “O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (BAKHTIN,1988:74). Ou seja, o romance tem a capacidade de congregar múltiplas visões de mundo sem seguir uma forma rígida ou pré-determinada.

Foi esta aproximação da fala e do cotidiano que fez Virgínia Woolf perceber, já na década de 1930, a importância da linguagem do romance para a escrita das mulheres. Através dele seria possível à mulher transmitir sua experiência sem ter que obedecer às regras do cânone literário que fora negado a ela aprender. O romance, portanto, permite o retrato da experiência e da sensibilidade outorgado pela possibilidade de um estilo livre de escrita (WOOLF,2004)

Neste sentido, a partir da década de 1970 o feminismo acadêmico dedicou-se a pensar a relação entre a mulher e a escrita, resgatando as obras de mulheres “esquecidas” pela história oficial. Um dos principais nomes desta corrente foi a crítica literária americana Elaine Showalter, a primeira pesquisadora a elaborar e reivindicar uma teoria coerente para os estudos da crítica literária feminista, à qual denominou *ginocrítica*. Sua teoria traz a idéia da escrita feminina como um “território selvagem” em meio à literatura canônica. O lugar da mulher não seria o gueto dos excluídos, mas o lugar do selvagem, aquele que tem um espaço limitado dentro de uma hierarquia bem maior, trazendo a marca de sua diferença (SHOWALTER,2004:44).

Esta teoria, mesmo vinda da crítica literária, traz muito da perspectiva histórica ao se preocupar com o contexto de produção das mulheres e suas relações com a crítica literária oficial de cada tempo. No entanto, a abordagem do *Feminist Criticism* de Showalter ganhou várias críticas com a definição de um novo conceito de abordagem: o Gênero¹. Este instrumento procurou se distanciar da produção feminista que enfocava demais a diferença sexual e propor uma forma de análise que não levasse em conta somente o sexo mas as diferenças entre as classes, gerações, etnias, etc (SCOTT,1990:8).

Sendo assim, tendo começado na academia já como uma perspectiva historicizada, contextual, os estudos feministas e posteriormente os estudos de Gênero – com uma intenção menos diferencialista - contribuem de um modo muito interessante ao exercício de

¹ Gênero, com letra maiúscula, diferencia-se aqui de gênero literário (com letra minúscula).

interdisciplinaridade envolvendo história e literatura. É, portanto, nesta intenção que procuramos levantar algumas questões acerca da obra de Rachel de Queiroz, publicada entre 1930 e 1939. Para isso utilizaremos vários tipos de fonte, como biografias, entrevistas, documentos pessoais e, principalmente, as críticas literárias referentes aos romances publicados pela autora no começo de sua carreira, além da análise em especial do romance *As Três Marias*, de 1939.

Grande escritor que é uma mulher, incrivelmente jovem...

Esta frase é uma das primeiras ditas por Augusto Frederico Schmidt em sua crítica literária ao *O Quinze* (SCHMIDT, 1930), livro publicado por Rachel de Queiroz em 1930. Estamos, portanto, falando de um livro que foi identificado em primeiro lugar como um livro escrito por uma mulher, e jovem.

Desde o final do século anterior percebemos a construção de um ideal burguês de sociedade e de família, tendo como padrão os países europeus. Notamos a consolidação do capitalismo; novas regras de convívio social; a reorganização das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas. A valorização do espaço urbano, por exemplo, transformado pelas obras de saneamento, pelas reformas e novas construções, redesenha a geografia das cidades. Cria-se, portanto, novos ambientes de circulação, novas sociabilidades.

Neste sentido, as mulheres até então reclusas ao ambiente privado da vida rural, ainda comum no Brasil, passam a ter uma vida social e urbana, mas com o marido, com a família. Os grandes salões são um exemplo interessante desta exposição da figura da mulher ao mesmo tempo em que a transforma em símbolo da reclusão e da intimidade familiar (D'INCAO, 1997: 223-240). No entanto, para além das expectativas, as mulheres de elite educadas por esta nova sociedade passaram a constituir o maior público leitor da República que vinha se formando e conseqüentemente sentiram-se autorizadas a também pensar sobre sua condição através da escrita. Quando chegamos ao fim do século XIX encontramos mulheres que não se limitaram à passividade e ao tempo livre do ambiente doméstico. Muito pelo contrário, sua educação esmerada e o valor dado a elas pela instituição familiar possibilitaram que sua posição e seus direitos fossem também questionados. É a partir deste período e também por influência européia que algumas mulheres - em sua maioria das classes privilegiadas - começaram a colocar em pauta assuntos que socialmente lhes “pertenciam”. Eram eles a maternidade, o cuidado com a casa e com a imagem da família, a moda, a

culinária, a beleza. Mas, além destes, algumas passaram a questionar a instituição do casamento, a falta de participação política, a repressão sexual (SILVA, 2001:43-60).

Por outro lado, devemos falar também da mulher do nordeste do país, uma vez que nossa escritora traz como marca literária a constante referência a suas origens cearenses e acrescenta em suas tramas as figuras fortes das matronas nordestinas que ainda hoje povoam o imaginário do sertão.

A sociedade nordestina formou-se praticamente em torno do ambiente rural das grandes fazendas de cana-de açúcar, de escravos às centenas e de grandes taxas de natalidade mestiça. Mesmo com a perda de importância econômica a partir do final do século XVIII, o imaginário nordestino continuou a reforçar a imagem paternal, a dependência dos subalternos e a consequente hierarquia que coordenava esta vida familiar (FALCI,1997:241-277). A modernidade, com seus ideais de educação para todos e com a reinvenção dos espaços de sociabilidade tendia a questionar o poder patriarcal na vida privada (ALBUQUERQUE,2001:89-104).

Até então prevalecia a hierarquia de cor, de classe e de gênero, tendo em seu topo o homem branco dono de terras. Assim também as mulheres brancas, que no século XIX estavam entre os apenas 25% da população (FALCI,1997:243), eram o ideal de mulher naquele sertão. Também são elas as mais conhecidas hoje, devido aos documentos, fotos, inventários, diários e histórias que deixaram. Esta mulher de elite do sertão nordestino quase não frequentava a cidade, vestia-se com simplicidade, calçava botinas de couro feitas pelos escravos, posava sempre ao lado do marido e dos filhos e costumava ter uma educação básica dada no próprio ambiente familiar, incluindo aprender a cozinhar, costurar e bordar. Mulheres instruídas no sertão permaneciam no espaço privado quase nunca tendo frequentado uma escola ou morado fora dos domínios da fazenda (FALCI,1997:251). Em compensação tinham a fama de serem fortes, trabalhadoras, corajosas, fiéis. Esta é a imagem que prevaleceu na memória do nordeste que Rachel de Queiroz construiu acerca da mulher.

Chegando enfim à nossa autora, que nasceu em 1910 em Fortaleza - CE, é interessante percebermos a confluência das múltiplas vivências da mulher do entresséculo atuando em sua formação, em sua criação de menina. Percebemos na época de Rachel uma tensão entre o tradicional e o modernos que ampliou discussões em que a mulher passou a ser assunto no espaço público.

Rachel especificamente teve uma educação familiar até os dez anos de idade e estudou em escola religiosa até os quinze. Viveu o ambiente peculiar do sertão e trabalhou como jornalista na capital desde os dezesseis anos. Interessava-se pelos debates dos modernistas que

ocorriam no Sul do país e também estava atenta às discussões acerca da participação política das mulheres. Por sorte ou destino nasceu numa família com tradição intelectual e rebeldia política, que valorizava a boa conversa, o teatro, a música, a política e a presença feminina (ACIOLI, 2003).

No entanto, quando publicou seu primeiro livro, aos 19 anos e com a ajuda financeira do pai, Rachel de Queiroz enfrentou os comentários esperados acerca da mulher que faz algo que não é esperado dela, como escrever². Alguns críticos limitaram-se a achar muito ruim a qualidade de impressão do livro e outros ainda afirmaram que na verdade não foi Rachel quem escreveu, mas o pai ou algum mentor (ACIOLI, 2003:57).

Mas por que o Centro-Sul recebeu tão bem o livro de uma menina tão distante? Arriscaríamos aqui afirmar que Rachel de Queiroz cumpriu alguns objetivos do próprio modernismo: a simplicidade, a objetividade e a clareza do texto. Por outro lado, os modernistas também conheciam escritoras importantes no ambiente internacional e talvez esperassem uma correspondente no Brasil. O espaço da escrita, portanto, estava aberto a elas, mas o fato de serem mulheres continuava a ditar o que deveriam ou não escrever.

É tão raro encontrar no Brasil um verdadeiro ‘romancista’ que não estranha que muitos tenham duvidado de que Rachel de Queiroz – ainda mais tratando-se de uma mulher – conseguisse mais do que já déra...

Nossa segunda citação-título é de uma elogiosa crítica publicada por Octávio de Faria no *Boletim de Ariel*, importante periódico iniciado no começo do século XX (FARIA, 1932). Esta crítica refere-se ao segundo romance de Rachel de Queiroz - *João Miguel*, de 1932. Segundo a crítica, é só a partir dele que a autora é considerada de fato um escritor, um romancista e não o simples autor de um livro só. Com o sucesso de seus romances seguintes é que Rachel de Queiroz consolida sua imagem para a posteridade, sempre tendo o cuidado de também agradar a crítica. Isto tudo porque foi criado um clichê do *feminino*, desde o período Romântico de nossa literatura até o começo do século seguinte. Como afirma Regina Felix, a separação no campo literário-cultural do século XIX entre a mulher e o homem de letras, resultou na separação por sexo entre o escritor e a leitora: o homem produz o trabalho intelectual e a mulher é quem consome. Anos depois, já no século XX, a crítica vai afirmar ser este um dos fatores mais prejudiciais no desenvolvimento de nossa literatura, o fato de ter de se adaptar ao gosto feminino (FELIX, 2007: 29).

² Ver Correspondência de Mello Rezende a Antônio Salles. Fundação Casa de Rui Barbosa As Cp 197

Consequentemente foi se desenhando aos poucos um estereótipo do que seria a literatura feminina, escrita por e/ou para as mulheres. Com o decorrer do século e a produção literária das próprias mulheres - que deixaram de ser apenas leitoras - cada vez mais certos temas passaram a associar-se ao feminino e só a ele (maternidade, beleza, moda, sexualidade, romance, sentimentalismo). Mesmo as discussões políticas acerca da cidadania e do sufrágio feminino passaram a fazer parte de uma *literatura feminina* que incomodava a moral defendida por grande parte dos homens escritores no Brasil Republicano.

Por isso não é de se estranhar que Augusto Schmidt afirme a propósito de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz: “Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe” (SCHMIDT; 1930). Acredito que esta frase, apesar de ofensiva quanto à chamada *literatura feminina*, revela a qualidade da obra de nossa autora e também uma certa confiança numa possível produção por parte das mulheres. Rachel de Queiroz consegue cumprir dois propósitos o mesmo tempo: afastar-se do clichê dos temas femininos e renovar na escrita a possibilidade de se ter uma mulher de importância nas letras brasileiras. Citemos um trecho da entrevista de Rachel ao Instituto Moreira Salles de 1997:

Eu acredito numa escrita feminina, sim. O mundo da mulher não é o mundo masculino. As marcas da escrita feminina estariam principalmente na linguagem. O meu caso é diferente: talvez eu tenha uma linguagem masculina porque venho do jornal. Quando eu comecei a escrever, a literatura brasileira ainda se dividia entre o estilo açucarado das mocinhas e a literatura masculina (QUEIROZ, 2002: 26.)

Este trecho é revelador ao pensarmos a literatura escrita por mulheres. Um primeiro ponto é a afirmação de Rachel de Queiroz de que a escrita feminina existe porque o mundo das mulheres é diferente do mundo dos homens e esta marca está na linguagem. Percebemos aqui duas idéias importantes para teorias acerca da escrita feminina. Uma delas é a idéia de que existe um mundo separado pelo sexo, perspectiva muito parecida com a que foi defendida pelo *Feminism Criticism* de Elaine Showalter e a idéia de “território selvagem”. Apesar de Rachel ter concedido a entrevista acima cerca de 20 anos após as primeiras publicações de Showalter acerca da idéia de escrita feminina e apesar de não sabermos se Rachel leu de fato Showalter, é uma idéia muito comum atribuir certa diferença no comportamento e, porque não, na escrita da mulher, devido às diferentes formas com que o sexo é tratado culturalmente.

Um outro aspecto é o fato de Rachel situar a diferença na linguagem. Assim também podemos comparar sua declaração com uma outra abordagem feminista acerca da literatura produzida por mulheres: é a versão francesa da *écriture féminine* ou *écriture de la femme*.

Para autoras como Luce Irigaray e Hélène Cixous, muito influenciadas pela crítica à psicanálise lacaniana, a linguagem não é neutra mas sim binária, carregada de relações de poder que se estabelecem de forma diferenciada para homens e mulheres (NYE, 1995: 227). Assim, ela reproduz atitudes sexistas que por muito tempo levaram as mulheres a permanecer no silêncio de sua condição subalterna, uma vez que lhes era negado o acesso à linguagem do espaço público, a linguagem dos homens. As estudiosas francesas, portanto, também trabalharam com o discurso da diferença, exaltando o feminino apaixonadamente, como uma forma de superar tudo aquilo na sociedade que se associava, segundo elas, ao masculino – capitalismo, violência, opressão, egoísmo. Ao contrário dos homens, a mulher que escreve traz por essência generosidade, compreensão, fluidez ao texto e à vida – tudo isto através do trabalho com a linguagem (OLIVER, 2000: 255)³.

É muito interessante, portanto, que Rachel de Queiroz afirme que a diferença de sua escrita, quando comparada à literatura “açucarada das mocinhas”, seja o fato de ter uma linguagem masculina, pois que associada ao mundo dos jornais, da política. Ou seja, temos, segundo a própria autora, uma escrita que é e não é “feminina”. A escrita racheliana é direta, objetiva e seca, evita os enfeites, excessos, descrições, reflexões filosóficas ou psicológicas. Isto porque, segundo ela, só havia estas duas opções na literatura da década de 1930. No entanto, percebemos que a partir desta mesma década e tendo nossa autora como um dos referenciais junto com outras mulheres como Adalgisa Nery e Lúcia Miguel Pereira, a imagem da mulher como escritora e a criação de personagens femininas nos romances começa a mudar.

Parece-me, porém, que o romance mais forte, de maior densidade publicado em 1939 foi o da senhora, Rachel de Queiroz...

Chegamos ao ano de publicação de *As Três Marias*, considerado por muitos críticos o melhor romance de nossa autora e o último a ser publicado por ela nos anos 30. Rachel só voltará a escrever romances na década de 1970.

Ao escrever o panorama literário do Anuário Brasileiro de Literatura de 1940, Jaime de Barros elogia a publicação de dois romances no ano anterior: o primeiro, *Floradas na Serra*, de Dinah Silveira de Queiroz e o segundo, *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz: “Composto em tom fragmentário de reminiscência, o romance não perde a intensidade tão

³ A análise a obra de Rachel de Queiroz em seu conjunto pode ser vista como um contraponto à idéia essencialista de “escrita feminina”. Seu estilo em quase nada se parece com o estereótipo criado sobre esta escrita. Não é à toa que muitos críticos definiram sua linguagem como “masculina” justamente pelo desafio que a autora impôs a uma crítica acostuada com um senso comum acerca da *literatura feminina*.

vivo é o jogo de situações e de destinos, tão poderosa a capacidade da senhora Rachel de Queiroz de dar realidade aos personagens, comunicar sua emoção, animar e desenvolver episódios” (BARROS, 1940, 53-54). Mais uma vez a autora é elogiada pela habilidade em criar personagens, a capacidade de ‘imitar a realidade’. Segundo a própria Rachel esta é sua obra mais autobiográfica (QUEIROZ, 2002, 51) e diferenciada dos outros três romances publicados até então, daí ela ter um papel tão importante ao analisarmos as relações de Gênero nos anos 30.

No entanto, apesar de diferente no tema e na forma, abandonando de vez a temática social para focalizar a vida de moças de classe média em Fortaleza, o livro vai acentuar um traço que marca a obra de Rachel de Queiroz como um todo. Segundo Luis Bueno, o livro é continuador de *Caminho de pedras* (de 1937), não por causa da acentuação do plano psicológico, mas por explorar a superação, por parte da mulher, de papéis estabelecidos por uma moral convencional (BUENO, 2006: 32). Rachel de Queiroz, assim como algumas outras autoras de sua época vai explorar as figuras femininas sem enquadrá-las nos pólos comuns da literatura feminina até então: a prostituta ou a namorada (BUENO, 2006: 284). Com *As Três Marias*, o enfoque sobre a mulher é mais evidente do que nos outros livros e questões como independência, profissionalização, paixão e maternidade são fundamentais.

O romance centra-se na história de Maria José, Maria da Glória e da protagonista, Maria Augusta. Refere-se a um período específico na vida destas mulheres que compreende a transição da infância para a adolescência e desta para a vida adulta. É, portanto, como se acompanhassemos uma cena entrecortada, onde quase não conhecemos o começo e nem o fim, pois a história continua assim como o movimento da vida. Dela conhecemos apenas um pedaço. Rachel de Queiroz tem ainda a capacidade de contar histórias de inúmeras outras mulheres que cruzam o caminho das três personagens principais, fazendo com que o mundo quase exclusivamente feminino do livro multiplique-se. Mas em relação à protagonista o que temos certeza é de sua busca por uma liberdade de pensamento e de ação que passa pelo âmbito educacional, profissional e até mesmo sexual.

Nossa autora acaba, portanto, por representar textualmente as relações de Gênero que vivia como mulher e escritora naquela sociedade dos anos de 1930. Segundo Bueno Rachel fez isso desde *O Quinze* (1930) com a criação de Conceição. Mas somente Mário de Andrade na crítica a *João Miguel* – de 1932 – começou a perceber que as personagens femininas eram magistralmente desenhadas pela autora, parecendo mais vivas que as masculinas (ANDRADE, 1932: 104-105). No entanto, a observação não poderia ter ainda muita importância. Só no final da década de 1930, quando o tema político do romance proletário

decaiu e as discussões na imprensa sobre a chamada “mulher moderna” adquiriram importância para toda a esfera pública é que foi possível avaliar tão positivamente uma obra escrita por mulher e totalmente referente ao mundo feminino de sua época. Hoje, 70 anos depois, podemos perceber a dimensão de Rachel de Queiroz dentro da história da literatura brasileira: uma mulher que rompeu barreiras através de sua vida, de sua escrita e de suas personagens.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- ALBUQUERQUE, D. M. de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. **História Questões & Debates**. Curitiba: Editora da UFPR. v. 18 n. 34, jan/jun. 2001. p. 89-104.
- ANDRADE, M. Rachel de Queiroz: João Miguel. **Revista Nova**. São Paulo, 15 dez. 1932. p. 104-105. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.
- BARROS, J. de. Tendências do Romance Brasileiro. **Anuário Brasileiro de Literatura**. Rio de Janeiro, 1940. p. 53-54. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa.
- BUENO, L. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: EDUSP/UNICAMP, 2006.
- D’INCAO, M. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 223-240.
- FALCI, M. Mulheres do sertão nordestino In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 241-277.
- FARIA, O. de. O novo romance de Rachel de Queiroz. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro, abr, 1932 n° 7. Biblioteca da Academia Brasileira de Letras.
- FÉLIX, R. R. **Sedução e Heroísmo: imaginação de mulher**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.
- KRAMER, L. Literatura, crítica e imaginação histórica. In: HUNT, L. (Org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 131-173.
- NYE, A. Uma linguagem da mulher. In:_____. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995. p.205-266.
- OLIVER, K. **French Feminism Reader**. Oxford: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.
- QUEIROZ, R. de. **As Três Marias**. Rio de Janeiro:José Olympio Editora, 1992.

_____. As três Racheis. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 4, set.1997. Entrevista. p. 21-39.

REZENDE, M. **Carta a Antônio Salles**. Sem data específica, 1930, 1f. Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa As Cp 197.

SCHMIDT, A. F. Uma revelação – O Quinze. **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas**. Rio de Janeiro, 18 ago.1930, no. 4.

SCHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p.23-57.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n 16(2), jul/dez,1990.

SILVA, C. G. da. **Modernizando o Casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**.141f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.